

MARIA FILOMENA BARRADAS

Docente do Instituto Politécnico de Portalegre | Doutoranda da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa | Membro do CLEPUL

filomenab@gmail.com

***O Independente* perante Portugal: identidades em formação e reavaliação no final do século XX**

No final de 2009, a revista *Time* publicou um número especial, dedicado a 1989, o ano que para a revista americana “defined today’s world”. 1989 é o ano charneira no que se refere a alterações na paisagem política, mediática ou tecnológica global, que já vinham sendo preparadas e cujos efeitos sentimos ainda hoje.

A queda do muro de Berlim e a reunificação alemã; a dissolução da URSS e o fim da Guerra Fria; os protestos dos estudantes chineses na Praça de Tiananmen; o fim do Apartheid; o aparecimento dos *Simpsons*; a legalização dos primeiros casamentos entre homossexuais e a invenção do protocolo *http* são alguns dos acontecimentos destacados pela *Time*. Nesse mesmo ano, Francis Fukuyama publicou, na revista *The National Interest*, o artigo “The End of History?”, que mais tarde motivou a obra *The End of History and the Last Man* (1992). Em ambos, celebrava-se o liberalismo (do Estado e da Economia) e a universalização das formas de governo ocidentais, um caminho que o fim do bloco soviético testemunhava e no qual Portugal entrara muito recentemente – e que percorria com euforia.

O período conturbado que se seguiu ao 25 de Abril chegou, durante a década de 80 ao fim, permitindo a normalização e consolidação do regime democrático e abrindo portas para mudanças profundas na sociedade portuguesa, para as quais concorreram, por um lado, os governos liderados por Cavaco Silva (1985-87; 1987-1991 e 1991-95) e, por outro lado, a integração na Comunidade Económica Europeia (1 de Janeiro de 1986).

O crescimento económico verificado nesse período permitiu a Portugal aproximar-se do resto da Europa e gerou um sentimento de bem-estar nos portugueses. Não só os salários tinham aumentado e o emprego crescido, como havia sinais claros de que Portugal mudara: a rede viária expandia-se; o consumo crescia; mais gente chegava

à universidade; novos espaços de diversão e de convivialidade nasciam; os hábitos e as mentalidades modificavam-se.

É nesta conjuntura económica, política e social aqui traçada de forma muito sucinta que aparece em 1988 o semanário *O Independente*. Nascido dos interesses de um grupo económico privado, o novo semanário desejava ser uma alternativa às ofertas de informação existentes, nomeadamente o *Expresso* e o *Semanário*.

Publicado durante dezoito anos (o primeiro número saiu a 20 de Maio de 1988 e o último a 1 de Setembro de 2006), apontam-se como características fundamentais de *O Independente* o olhar cínico sobre a política, a linguagem irónica e arejada, que contrastava com a linguagem jornalística típica.

Nunca tendo ocultado o seu posicionamento político e ideológico como conservador e de direita, *O Independente* desde logo esclareceu os leitores acerca da ideologia professada. Para além disso, o semanário empenhou-se em formar o público, ao fornecer-lhes um quadro de referências alternativo aos discursos existentes.

Ao longo deste artigo abordarei como é que *O Independente* define a sua própria identidade, ao apresentar-se como um projecto jornalístico, ideológico e estético, e como é que se propõe uma nova leitura da identidade portuguesa, a partir das crónicas da série “As minhas aventuras na república portuguesa”, escritas entre 1988 e 1990 pelo então director do jornal, Miguel Esteves Cardoso.

O projecto jornalístico

A primeira e a última página do número 0 de *O Independente* resumiam o projecto jornalístico do semanário.

Na primeira página, o título PRESSTROIKA! inaugurava uma estratégia usada para a maioria dos títulos de *O Independente* e vista como uma marca distintiva do jornal – o jogo de palavras nos títulos. Neste caso, o jogo evocava, pela sonoridade, a *perestroika* de Gorbachev: tal como a URSS se abria ao ocidente, à ínfima escala portuguesa, também se produzia a reestruturação da cena mediática (“press”), “sem ter sido vendido um só jornal estatizado”, conforme se podia ler ainda na primeira página do número 0.

Assim, se *O Independente* pôs frequentíssimas vezes o dedo na ferida do cavaquismo, na verdade ele é, também, um produto desse mesmo governo, que tinha criado as condições para que os agentes económicos privados operassem no mercado¹.

Na última página do número 0, encontramos o texto “A nossa história”, no qual Miguel Esteves Cardoso relata os acontecimentos que possibilitaram a publicação do jornal. Note-se que desde logo ficam patentes algumas das feições definidoras de *O Independente*, como a informalidade, a juventude da equipa redactorial e o culto da pátria:

“No dia 12 de Setembro do ano passado [1987], Paulo Portas fez 25 anos. Fomos jantar a um restaurante espanhol, onde apaziguámos o nosso anti-iberismo com tapas e queijo manchego. Quando me preparava para provar o vinho, o Paulo pousou o garfo e perguntou-me: “Porque é que não fazemos um jornal?” E foi o que fizemos. Até hoje estou para saber como.”²

“[C]apitalistas, trabalhadores e simpatizantes”, todos agiram em conformidade, proporcionando ao jornal os meios humanos e materiais, que tornavam *O Independente* um “jornal feliz” e que, ao não exhibir os “tiques tradicionais” dos números zeros, que apresentavam “a história de cada novo pasquim como se fosse a *Odisseia*”, se distanciava dos seus concorrentes. Porque *O Independente* “ainda não [tinha] história”, Miguel Esteves Cardoso recusava-se a narrar o seu nascimento com fatalismo; pelo contrário, o tom era de celebração e de agradecimento relativamente a todos os que tinham abraçado o projecto de fazer um jornal, que fora informalmente sonhado por dois amigos³.

Uma vez que um jornal é uma obra colectiva, cada um dos que individualmente aderiu à ideia de *O Independente* integrava-se numa estrutura superior. Assim, última página do número zero, encontramos para além de “A nossa história”, outras rubricas que descrevem cada uma das peças maiores que compõem o semanário, a saber: a

¹ Ou como clarificava o quarto ponto do Estatuto Editorial, *O Independente* “entende o mercado como princípio da vida económica e insiste que é preciso devolver à iniciativa privada os direitos que o Estado português lhe nega”.

² “A nossa história, nº 0, Maio de 1988, p. 8

³ Não me interessa aqui saber em que medida o texto “A nossa história” é um relato fidedigno do evento que marcou a decisão de criar *O Independente*. Decerto, o processo foi mais moroso e complexo. O que me importa sublinhar é a nota de informalidade e de familiaridade manifestada neste relato. *O Independente* nasceu sob o signo do familiar, do próximo e isso teve consequências no modo como se (auto)apresentou junto do seu público.

redacção (“A nossa redacção”), a administração (“A nossa SOCI”), o conselho editorial (“O nosso conselho editorial”) e a publicidade (“A nossa publicidade”).

Ora, o uso da primeira pessoa do plural, seja recorrendo ao pronome pessoal, seja ao pronome possessivo⁴ é um aspecto discursivo retomado constantemente em *O Independente*. Por exemplo, nos números que coincidiram com os dois primeiros aniversários do semanário encontram-se, em jeito de celebração, títulos como “Agora nós”, “Tal qual nós” (Maio de 89) ou “Como escrever à Independente? Você tem a certeza que nos conhece?” (Maio de 90).

Se qualquer “eu” - no caso, se qualquer “nós” – se dirige a um “tu”, então, aquilo que *O Independente* fez desde o seu número zero foi encenar uma relação dialógica com o seu público. E o diálogo pressupõe proximidade e intimidade entre os interlocutores.

Miguel Esteves Cardoso, que produzirá frequentes reflexões acerca do uso (e dificuldades de uso) da língua portuguesa, afirma na crónica “Aventura dos jornais” (nº 1, 20/05/88), que abre a série “As Minhas Aventuras na República Portuguesa”⁵ (o destaque é meu):

“O problema da comunicação em Portugal – e isto aplica-se tanto a jornais como a romances – resolver-se-á quando os portugueses perceberem que, no fundo, no fundo, não há mal nenhum em comunicar. (...) Para quem escreve com o fim de ser lido, não ser entendido ainda é pior do que não ser apreciado. Ou lido.”

O Independente precisava de ser lido: os leitores traduziam-se em compradores e em receitas, sustentando economicamente o jornal, pelo que era necessário seduzi-los. O primeiro passo nesse sentido é dado quando se traz a coloquialidade para o discurso jornalístico. O “nós”, responsável pela mensagem, institui um “vós”, os leitores, parceiros de uma situação de interlocução.

Aos leitores é reconhecido “o direito de se sentir[em] bem”, pelo que “ ‘O Independente’ terá sempre um lugar sério para o humor, (...) será generoso com a

⁴ Em Português, os pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos estão intimamente relacionados. Denotando as pessoas gramaticais, a principal função do pronome pessoal é indicar numa conversa: quem fala (eu/ nós); com quem se fala (tu/ vós) e de quem se fala (ele/ eles). Por seu turno, os pronomes possessivos indicam o que cabe ou pertence a cada uma das pessoas gramaticais. Finalmente, os pronomes demonstrativos apontam o que se aproxima de cada uma das pessoas gramaticais, no espaço e no tempo.

⁵ Embora a maior parte destas crónicas esteja no livro *As minhas Aventuras na República Portuguesa*, alguns textos ficaram de fora. Este é um deles.

imagem (...) [e] usará a linguagem dos seus leitores: por ser simples e natural”. *O Independente* “será uma companhia” em vez de “educador do povo”⁶.

Usando destas estratégias, *O Independente* criava as condições para que o primeiro e o último princípios enunciados no seu Estatuto Editorial fossem cumpridos: por um lado, granjear o estatuto de autoridade junto do público; por outro lado conseguir formar uma relação simbiótica com o comunidade, porque “Um bom jornal é uma nação a falar consigo mesma. *O Independente* quer tomar parte nessa conversa”.

Em 1992, no quarto aniversário do jornal, na última página do caderno principal, publicava-se um texto subscrito por Portas e Esteves Cardoso. “Parabéns a você” (22/05/92, I:64) fazia um balanço do que tinha sido *O Independente* até àquela data e apontava qual o rumo para o futuro.

Graças a “um número cada vez maior de leitores, anunciantes e inimigos”, o semanário prosperara, mantendo-se, no entanto, como “um jornal de convicção, desavergonhadamente patriótico, conservador e moralista”. Estas características acabam por justificar a acção de denúncia de “falcatruas, negociatas e ambições ridículas”, bem como de “manigâncias, conspirações e megalomanias”, em que o país é profícuo. À ideia de que *O Independente* criou um novo estilo jornalístico, rebatiam os autores: “A única coisa que fizemos foi contar o que sabíamos (...) da maneira mais simples e directa que era possível.”.

Ora, como se conta depende da perspectiva a partir da qual se observa a realidade. Veremos a seguir como em *O Independente* essa perspectiva é ideologicamente marcada.

O projecto ideológico

No estatuto editorial de *O Independente* traçavam-se os vectores ideológicos do jornal. Assim, o seu primeiro princípio enunciava de forma peremptória: “*O Independente* tem valores. Depende exclusivamente deles.”; esclarecia-se no segundo princípio que “o primeiro valor é Portugal. Será defendido o conceito de Pátria, no sentido mais amplo de unidade essencial de território e cultura.” O semanário rejeitava a “neutralidade” e assumia-se como “democrata e conservador”, crente “na força das elites”, respeitador da “tradição” e defensor da “autoridade” (terceiro princípio). Apresentava-se como liberal, ao entender “o mercado como princípio da vida

⁶“A paixão de escolher – 5 razões para o *Independente*”, nº 6, 24/06/88. As citações reportam-se à terceira razão.

económica” (quarto princípio). Finalmente, o quinto princípio reforçava o segundo, pois elucidava que *O Independente* defendia “o que achar bom, seja português ou não, mas falará mais do que é português, seja melhor ou não”, atingindo assim o propósito de ser “uma nação a falar consigo mesma”.

Apresentando-se nestes termos, *O Independente* informava o leitor acerca da sua filiação político-ideológica de direita. Passados catorze anos sobre o 25 de Abril, correndo o risco da memória da ditadura de direita salazarista ainda estar vívida na memória colectiva, o que significava ser de direita?

Julgo que antes de responder a esta questão é necessário explicar sucintamente o que se entende por “ideologia”, “direita” e “espectro político”.

Norberto Bobbio, no artigo dedicado à Ideologia no seu *Dicionário de Política* depois de alertar para a multiplicidade de sentidos do termo, define-o como “o *genus* ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de ideias e valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos colectivos”⁷.

Assim, uma ideologia é um conjunto de ideias com repercussões nos objectivos, expectativas e acções individuais. Dado que se comporta como um sistema de ideias com incidência nos assuntos públicos, qualquer ideologia pretende favorecer a mudança social e pode ser apropriada politicamente.

Nesse sentido, uma ideologia política corresponde ao conjunto de ideais, princípios, doutrinas ou símbolos que associamos a um movimento social, instituição ou grupo. Ao fornecer o esquema mental daquilo que deveria ser a organização social ideal e as formas de a ela aceder, a ideologia aponta qual a melhor forma de governo e qual o melhor sistema económico. No entanto, o modo como os partidos políticos usam a ideologia é muito distinto, havendo alguns que a seguem de perto, enquanto outros aproveitam aquilo que consideram mais útil de ideologias próximas. Por fim, é a partir da ideologia adoptada que é possível situar um dado partido no espectro político.

Na divisão clássica, o espectro político varia entre a Direita e a Esquerda. Esta divisão reflecte a distribuição que existia no parlamento francês, no período imediatamente após a Revolução Francesa: no plenário, à direita, sentavam-se os representantes da aristocracia; à esquerda os representantes dos outros grupos sociais. Tipicamente, consideram-se que estão à direita o fascismo e o conservadorismo e, à

⁷ Bobbio, Norberto et al. *Dicionário de Política*. p. 585

esquerda, o comunismo e o socialismo. Quanto ao liberalismo⁸, ele tanto pode estar conotado com a esquerda como com a direita.

Ao apresentar-se como patriota, democrata, conservador, liberal, defensor das elites, da tradição e da autoridade, *O Independente* colocava-se à direita do espectro político. Simultaneamente, não negava que esse mesmo posicionamento político contrariava, desde logo, a neutralidade e a imparcialidade, que estamos habituados a ver exibidas nos órgãos de comunicação social.

Comparando o estatuto editorial de *O Independente*, com os estatutos editoriais do *Expresso* e do *Público*, respectivamente, confirma-se isso mesmo. O *Expresso* sublinha que “as publicações de natureza informativa devem ser independentes do poder político e do poder económico, porque só assim cumprem a sua função perante a sociedade onde existe”; também o *Público* rejeita “qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica”⁹.

De facto, estamos habituados a conceber o jornalismo como uma espécie de observador imparcial e distanciado, capaz de reproduzir uma imagem fidedigna da realidade. No entanto, nem sempre assim é.

Convém também recordar que, apesar de normalmente associarmos a imparcialidade e a neutralidade ao jornalismo, nem todas as tradições jornalísticas são subsidiárias desta matriz.

Por exemplo, no século XIX português existem vários títulos o *Independente* ou a *Independência*, que, conforme o momento, plasmam diferentes ideologias, como o liberalismo, o anti-iberismo e o republicanismo. A imprensa tinha então um carácter partidário, defendendo claramente um posicionamento político-ideológico e dirigindo-se aos leitores que partilhavam os mesmos interesses. Passando para as décadas de 60 e 70 do século XX, encontramos nos Estados Unidos o “New Journalism”, que questionava o papel da objectividade no relato jornalístico e favorecia a subjectividade e a investigação, aproximando o discurso jornalístico do discurso literário.

Deste modo, *O Independente* afigura-se tributário das correntes jornalísticas que ora favorecem uma determinada ideologia, ora reclamam a subjectividade do relato.

⁸ Pensando no caso português, o Liberalismo, tal como era proposto pela Revolução de 1820, era uma ideologia de esquerda. No entanto, no final do século XX, o termo adequava-se às ideologias de direita, que defendiam o individualismo e a liberalização do mercado, enquanto motor da vida económica.

⁹ Ambos os estatutos editoriais estão disponíveis *online*.

No entanto, o posicionamento político-ideológico perfilhado pelo semanário poderia ser problemático. Em 1988, tinham passado catorze anos sobre o 25 de Abril e a memória da ditadura de direita era ainda vívida na mente de muitos portugueses. Como ser conservador e de direita, como recuperar conceitos como “pátria”, ou falar do passado recente sem ser salazarista e reaccionário?

A resposta a esta questão é dada pelo Editorial do nº 2 (27/05/88), onde se clarifica o conceito de “conservador”. Apesar de no Estatuto Editorial, *O Independente* se ter assumido também como “liberal”, os dois termos aparecem dissociados no Editorial que agora observo. Creio que isso pode ser explicado pelo facto de “liberal” se referir a um modo de entender a actividade económica (que no final da década de oitenta, com as transformações político-económicas que o país atravessava, parecia ter sido adoptado por todas as facções políticas, da esquerda à direita), enquanto “conservador” se refere a uma ética.

Vários aspectos caracterizam o conservador: “o bom senso acima da ideologia, o familiar acima do desconhecido, a comunidade acima das classes, a Pátria acima dos partidos, a continuidade acima da mudança, o eterno acima do precário, a ideia acima da técnica, a tradição acima do desenvolvimento, a cultura acima da instrução, a pessoa acima do indivíduo”. Ao contrário do que se podia supor, o conservador é “comunitarista”, “anticolonialista”, “idealista”, “cristão”, “moderno” e “útil”, concluindo-se que: “Por estas e por outras razões não faz sentido ter medo das novas vozes conservadoras. São radicais, mas não são extremistas. Não se movem pela revolução nem pela contra-revolução. Os conservadores quando sonham, sonham com o equilíbrio.”

Este editorial vem assim justificar o posicionamento ideológico de *O Independente*, ancorando-o numa ideologia de direita, renovada, que declinava o fascismo e os movimentos neo-fascistas emergentes, apesar de manter uma atitude anti-sistema. O bem-estar económico e social da sociedade pós-industrial, aliados à consolidação do Estado-Providência, determinara o enfraquecimento das ideologias conotadas com a luta de classes, típica da sociedade industrial, e abriu caminho à emergência de novos valores de direita, que acabaram por granjear o interesse do público e dos eleitores em muitos países europeus, devido à crise de confiança nas instituições democráticas.

Mais uma vez, o lugar-comum: *O Independente* concorreu para o fim do cavaquismo, ao implicar o executivo em vários escândalos. Mas mais do que isso: o seu

discurso vinculado com a direita ajudou ao realinhamento dos partidos no espectro político português.

O partido mais à direita do sistema português era o CDS, que não se avocava como um partido de direita, mas sim como um partido do centro. Durante a década de 90, com o auxílio de *O Independente*, o jornal que reabilitava o ideário da direita, o CDS acabou por se afastar da zona do centro que ocupava, primeiro pela mão de Manuel Monteiro (1992-1997) e, depois, pela mão do próprio Paulo Portas (a partir de 1998). No final da década, o CDS-PP estava no ponto mais à direita do espectro político português, pelo menos no que se refere aos partidos com assento parlamentar.

De que modo fez *O Independente* a reabilitação do ideário da direita? Julgo que através de dois mecanismos principais: por um lado, a coluna de opinião “Antes pelo contrário”, assinada por Paulo Portas, onde o então jornalista fez frequentes vezes a distinção entre aquilo que era a sua ideia de direita e a prática governativa de Cavaco Silva, também ela tida como de direita – algo que Portas rejeita veementemente; por outro lado, o Caderno 3, o suplemento cultural do jornal, onde encontraremos a visão conservadora de Miguel Esteves Cardoso nas suas crónicas bem-humoradas, funciona também como lugar ideal para a expressão artística e de valores ligados à direita, como o individualismo.

Como veremos a seguir, *O Independente* era também um projecto estético.

O projecto estético

Parte do prazer de estudar *O Independente* é ouvir os seus antigos leitores a dizerem-me “Todas as semanas comprava *O Independente*”; “Não perdia as crónicas do MEC”; “Lembro-me dessa primeira página!” ou “Nunca mais me esqueci dum artigo em que gozavam com as meias brancas...”. Destas conversas, o que parece ter subsistido na memória das pessoas não é a “notícia”, o “facto jornalístico”, mas uma maneira de pensar o mundo que era veiculada através do jornal. Do meu ponto de vista, tal justifica-se porque *O Independente* funcionou num regime próximo ao do objecto estético, trabalhando ao nível dos afectos dos leitores. Lia-se *O Independente* porque ele provocava emoção(ões), para lá do seu posicionamento ideológico assumidamente conservador.

Tal esteticização foi operada sobretudo ao nível do Caderno 3, o suplemento cultural de *O Independente*. Debruçando-se sobre temas mundanos, no Caderno 3 fervilhava o espírito do tempo: por um lado, um tempo hedonista, individualista,

despreocupado, divertido e irreverente; por outro lado, um tempo que devia proporcionar a reflexão e, idealmente, a reconciliação com o ideário português da Direita. Para isso, usará de uma linguagem renovada, onde o humor, os jogos de palavras, as imagens e a ironia seduzem o leitor e lhe propõem um novo quadro de referências estéticas¹⁰.

A generosidade com a imagem patenteia-se logo nas primeiras páginas. A primeira página é a forma primordial de ligação de um jornal ao seu público. Uma boa primeira página atrai leitores, faz subir as vendas. Tipicamente, n' *O Independente*, a primeira página apresenta uma imagem (fotografia) de grandes dimensões, associada a um título chamativo. O que se anuncia são as grandes questões nacionais, sendo que a governação cavaquista esteve sempre na mira do semanário.

A criatividade no uso dos títulos e das imagens não se fica apenas pela primeira página. Um pouco por todas as secções e cadernos do jornal é possível encontrar exemplos de criatividade – que, por vezes, se pode considerar mal dirigida pois empurrou o jornal no sentido da tabloidização, do sensacionalismo, da ligeireza, do insulto gratuito. Todas as semanas, os leitores esperavam a denúncia de mais um caso polémico que, não raro, envolvia membros do governo e que, não raro, levava o jornal ao banco dos réus.

O jornal sempre teve consciência da sua diferença, no que respeita à forma de escrever ou apresentar os conteúdos; se, por um lado, essa diferença pode ser relacionada com um discurso que roça o sensacionalismo, por outro lado, revela uma abordagem artística, visível na maneira como a língua e a imagem são trabalhadas.

Nesse sentido, o Caderno 3 funcionou como um laboratório de arte, divulgando ensaios fotográficos de artistas hoje consagrados, como Inês Gonçalves ou Daniel Blaufuks, ilustrações de Jorge Colombo (que era também o director-gráfico), poemas de João Miguel Fernandes Jorge; poemas de Beckett, traduzidos por Miguel Esteves Cardoso; etc. Ao mesmo tempo, promovia a música, teatro, cinema e televisão e

¹⁰ A renovação da linguagem jornalística é um dos propósitos enunciados pelo próprio jornal. Veja-se o folheto auto-promocional, saído com o número 6 (24/06/88) “ Um jornal não é uma chatice. ‘O Independente’ terá sempre um lugar sério para o humor, porque rir é uma prova de que não enlouquecemos. Um jornal não é só para ler. ‘O Independente’ será generoso com a imagem: porque há um prazer próprio no ver. Um jornal não é literatura. ‘O Independente’ usará a linguagem dos seus leitores: por ser simples e natural”. [A paixão de saber escolher]

procurava aproximar Portugal da “civilização”¹¹, através da reflexão crítica operada através das crónicas de Miguel Esteves Cardoso, que interroga com ironia Portugal e os seus clichés (a saudade, o jeito, a mania da cultura, a mania da Europa, etc.) e, não raro, faz recair essa ironia sobre si mesmo e sobre o próprio *Independente*.

A figuração do jornal no próprio jornal – a sua auto-representação irónica – é recorrente. Em época de celebração de aniversários, esta feição intensifica-se. No primeiro aniversário, surge uma foto-reportagem intitulada “Tal e qual nós” (19/05/89), onde se apresentam os jornalistas em actividades do seu quotidiano laboral. Nesse mesmo número, recordam-se a campanha publicitária de lançamento d’ *O Independente*, em que tinham sido usadas as imagens de figuras marcantes do século XX (Churchill, Beckett, Wittengstein, Salazar, ...), e algumas das frases (sonantes) que constituem uma espécie de genealogia do jornal. A recuperação de frases memoráveis sem identificar a sua proveniência opera no sentido de tornar mágica a palavra impressa. Não interessa quem é o autor mental ou em que contexto as palavras foram escritas. Descontextualizadas funcionam no regime da palavra encantada, da palavra que funda uma nova realidade. Esse poder das palavras é encenado também no “Anúncio Totalmente Grátis” presente nesse número. Mimetizando a página de um Dicionário de Língua Portuguesa, apresenta-se uma lista de palavras começadas por *-in*, bem como os seus respectivos significados. Chegados à palavra “Independente”, misturado nos significados previsíveis e expectáveis, encontramos um novo sentido para o termo: “O: semanário fundado em 1988. Tem a paixão de saber escolher. Leia-o. Assine-o. Apaixone-se.”

No segundo aniversário, propunha-se uma “Cábula” (18/05/90) de temas abordáveis no Caderno 3. No elenco de temas a abordar encontramos: “Alto, Bairro”, “Bairro Alto”, “A rua da Atalaia”, “Geração Frágil”, “Frágil: oito anos de decorações”, a par de: “A portugalidade”, “Galiza é Portugal”, “Teixeira de Pascoaes” ou “Oliveira”. Finalmente, na lista de temas sobressai o “Nós”, repetido seis vezes. Jornalista e jornal fundem-se numa única identidade, que é constantemente lembrada e exibida ao leitor. Uma identidade que inclui o próprio leitor.

O leitor frequenta os mesmos locais que os jornalistas de *O Independente*. Partilham a mesma memória colectiva, o mesmo momento de renovação da sociedade

¹¹ Nos textos de opinião, são frequentíssimas as referências à “civilização” enquanto realidade da qual Portugal parece não participar. A integração na CEE não é garantia (antes pelo contrário) da aproximação de Portugal à herança cultural europeia, como se verá adiante.

portuguesa, as mesmas angústias, as mesmas preocupações, como no-lo comprova o “Anúncio Totalmente Grátis” publicado a 1 de Junho de 1990. Uma leitora, de quinze anos, dirige-se ao Director do semanário solicitando-lhe a publicação de um anúncio. Nele, quer fazer uma declaração de amor ao namorado. Uma declaração pública e exibicionista que usa como *medium* o órgão de comunicação com o qual Mónica e o namorado se identificam. O Anúncio Totalmente Grátis cumpre os requisitos definidos por Mónica – um anúncio das maiores dimensões possível e graficamente sugestivo (um fotograma de *Casablanca*). Simultaneamente, o anúncio reproduz a carta escrita por Mónica, onde se manifesta a sua identificação com a escrita do *Independente*¹²: “É que os ‘meus problemas’ – os seus problemas – são também os meus. Tenho quinze anos (...) E tem razão. É tudo muito. Gosto muito, detesto muito, choro muito, rio até demais. (...)”

Mónica é a jovem leitora apaixonada para quem *O Independente* é objecto-fetice e mediador da sua relação com o namorado. Mas ela representa todos os jovens leitores que, na transição da década de 80 para a década de 90, sucumbiram aos encantos de *O Independente* e que encontraram nele um mediador privilegiado com o momento político, social e cultural que o país atravessava.

Um projecto para Portugal

Na entrevista conduzida pelo historiador Rui Ramos, no programa *O Portugal de...*, transmitido pela RTP em 2006¹³, Miguel Esteves Cardoso começava por se dizer “completamente apaixonado, doente por Portugal”, considerando encantadores os trejeitos e as maneiras portuguesas. Um pouco mais à frente, Esteves Cardoso lembrava o pai, que o acusava de não ser verdadeiramente português por encontrar razões para a felicidade onde um português só encontra miséria e infortúnio.

Nascido de mãe inglesa e pai português, bilingue, licenciado e doutorado em Inglaterra, Miguel Esteves Cardoso reúne condições especiais para ser um observador próximo mas distanciado da realidade portuguesa. Ainda que com uma breve incursão pela vida académica, tem sido na escrita que Miguel Esteves Cardoso se tem distinguido nesta missão de observador.

¹² *O Independente* é sensível à ideia de haver uma “escrita à *Independente*”, como demonstram os motes e glosas em “Como escrever à *Independente*?” (19/05/90)

¹³ O vídeo está disponível *online* em Google Vídeos.

Entre Maio de 1988 e Maio de 1990, a um ritmo semanal, foram publicadas as crónicas de “As minhas aventuras na república portuguesa”. A sua primeira edição em volume homónimo data de Abril de 1990, o que atesta bem a popularidade que gozavam.

Ao longo desta secção, defenderei que estas crónicas da série ensaiam, a partir de um ponto de vista que é simultaneamente próximo e distanciado (irónico), um discurso de réplica quer ao sentimento eufórico perante o passado glorioso ou perante a Europa, quer ao sentimento disfórico e de crise que afecta os portugueses.

Muitas vezes da responsabilidade de um escritor consagrado ou de um colunista convidado, as crónicas “As minhas aventuras na república portuguesa” foram escritas pelo então director de *O Independente*. O título da secção encerra significados múltiplos, como veremos a seguir. A “aventura” associamos o inesperado e o extraordinário, que merece ser relatado; as aventuras são vividas pelo próprio na “república portuguesa”. Portugal, assim apresentado, configura-se como um espaço geográfico, político e cultural no qual o cronista é, conforme sublinha a ilustração de Jorge Colombo, um explorador ou um antropólogo, que precisa de criar distanciamento para melhor observar o seu objecto de estudo¹⁴.

“A aventura do presente” é a crónica que abre o volume de *As minhas aventuras na república portuguesa*. Na crónica assistimos a um libelo contra a escravidão que é imposta pelo tempo:

“Desenvolver, arrancar, iniciar, evoluir, renovar: são estas as palavras do nosso tempo. Azar económico? Muda-se de governo. Zanga de amor? Muda-se de namorada. Mas as coisas velhas não se curam com coisas novas”. (p. 5)

Urgência e rapidez relacionavam-se com o frémito da Europa/ CEE, que era preciso acompanhar. Só sendo célere, Portugal poderia deixar a cauda da Europa e aproximar-se do pelotão da frente, usando dois clichés da época.

O conservadorismo aparece, por isso, como um caminho alternativo a este ímpeto e a um futuro por concretizar:

¹⁴ Poder-se-ia ainda explicar a escolha deste título pela biografia e filiação política de Miguel Esteves Cardoso. No entanto, isso parece-me redutor.

“Na minha ideia rendemo-nos. Estamos todos presos no presente. O presente pode não ser perpétuo, mas existe. O futuro nunca aconteceu.”¹⁵

Poder-se-ia pensar que aquilo que uma visão conservadora do mundo proporia era uma fixação no passado, tempo de um paraíso perdido. No entanto, creio que a proposta de Miguel Esteves Cardoso não é essa. É que se compreenda o tempo como um *continuum*, em que é preciso preservar o passado, a memória, o património comum, mas nem mitificá-lo, nem substituí-lo por uma versão actualizada e moderna, que ignore essa herança.

A saudade poderia perfilar-se como o mecanismo cultural propiciador deste *continuum*. Nas palavras de Teixeira de Pascoaes:

“A Saudade é a Presença eterna, a vida eternizada em imagem de espírito. A sombra do Passado e a luz do Futuro encontram-se nela que as reflecte em nova claridade.”¹⁶

Pascoaes considerava a Saudade como a essência da alma portuguesa, e por ela se operaria a Renascença da nação. Porém, Miguel Esteves Cardoso afirma em “A aventura das Saudades”¹⁷ que a saudade é “um genocídio sentimental”; as saudades resultam de “qualquer coisa que coisa que não está bem”¹⁸ e que os portugueses, ao invés de corrigirem, divinizam:

“Nós os portugueses temos de perder a nossa maior mania. É a mania que é a distância, no tempo e no espaço que dá valor aos sentimentos (...) A saudade é uma coisa que a gente arranjou para se consolar.”¹⁹

A saudade em Pascoaes é uma “*comunicação apaixonada com as Cousas*” (p. 82), de que resulta a feição original do Saudosismo. Mas Miguel Esteves Cardoso considera-a uma forma de amputação, que os portugueses não se empenham em sanar:

¹⁵ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 15

¹⁶ *A Saudade e o Saudosismo*, p. 91

¹⁷ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 18

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*, pp. 19-20

“Se estão a pensar por saudade de alguém vão buscar fotografias, reler cartas, ouvir discos antigos. Passa-lhes pela cabeça ir ter com essa pessoa? Não. Matar uma saudade é quase um crime.” (pp. 18-19)

A saudade faz parte duma ética do sofrimento, é “a lição portuguesa ao mundo: sofrer é um método de aprendizagem: Sofrer é viver. Sofrer é saber”²⁰, como se diz na “Aventura de sofrer”. Para este comprazimento aditivo, Miguel Esteves Cardoso propõe a solução da sua mãe que, sendo inglesa “ama Portugal mais do que qualquer português”: “Não é o fim do mundo” (p. 107), uma lição que os portugueses teimam em ignorar.

Esta falta de pragmatismo pode ser associada ao modo como o trabalho é visto: “No fundo da nossa consciência colectiva, nós acreditamos que o trabalho, só por si, não se justifica (...) o trabalho só se aceita socialmente quando é absolutamente inevitável”²¹.

Miguel Esteves Cardoso parece ecoar as palavras de Antero de Quental, n’ *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, quando afirmava que os portugueses preferiam ser aristocratas pobres e ociosos, em vez de uma sociedade próspera e trabalhadora.

No entanto, as semelhanças ficam-se por aí. Antero era um revolucionário e um republicano, um intelectual que apontava o afastamento de Portugal e Espanha em relação à Europa e que defendia a federação peninsular como parte da solução para o problema. Miguel Esteves Cardoso é conservador e monárquico, um crítico da federação europeia. Para ele, por virtude da entrada na CEE, abandonaram-se “os vícios [que davam a Portugal], na sua modéstia, uma justificação moral e cultural” (p. 98): as pessoas querem agora trabalhar e produzir; parecem ter abandonado os velhos hábitos; parecem, afinal, ter perdido o horror ao trabalho:

“Temos à nossa frente um Portugal sedento de se ‘desenvolver’, de ser ‘mais como’ os países ‘mais evoluídos’, um pobrezinho mais consentâneo com os senhores que secretamente julga estarem a sustentá-lo.” (p. 98)

²⁰ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 105

²¹ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 97

No final do século XX, a Europa continuava a representar, tal como no século XIX, a utopia do progresso e da civilização, de que Portugal permanecia alheio. Eduardo Lourenço explica o modo como o século XIX e em especial a Geração de 70 encarava a questão da Europa, contribuindo para a sua mitificação:

“Mas o que [a Geração de 70] exigia era um *Portugal-outro*, um Portugal onde se actuasse, se vivesse, se pensasse e se inventasse como na Inglaterra, na Alemanha, na *França*, em suma, na única Europa que merecia esse título que desde então designa menos uma entidade geopolítica, uma história comum, do que *um mito*, o da Civilização, do Progresso, da Cultura como espelho e instrumento regenerante do destino humano. *Europeizarmo-nos*, nesse preciso sentido, tornou-se então a obsessão quase unânime da elite portuguesa e toda a nossa cultura se vai inscrever no espaço da Europa e em função do objectivo de a apagar.”²²

O mito da Europa reaviva-se quando Portugal entra na CEE, entendida por alguns quadrantes como uma espécie de portal mágico, que uma vez cruzado, daria acesso directo à prosperidade, ao progresso, à civilização, arrancando Portugal da treva e do atraso.

Tal como um século antes, no último capítulo de *Os Maias* Eça de Queirós, através de João da Ega, criticava o exagero e o acriticismo com que o modelo europeu era recebido e reproduzido em Portugal²³, também Miguel Esteves Cardoso criticará os seus compatriotas, na “Aventura da Europa” pelas mesmas razões: “Aconteceu o pior pesadelo – estamos a tornar-nos *europeus à portuguesa*. Ou seja seguimos a versão Amoreiras da grande herança greco-romana.” (p. 129)

Miguel Esteves Cardoso manifesta a sua estranheza perante o facto de que, associada à celebração da Europa exista um “patriotismo reles e rasca, virado para o passado mais inchado”. É como se o discurso oficial oscilasse entre dois pólos: por um lado, o pólo da mitificação da Europa; por outro lado, o pólo da glorificação do passado

²² *Nós e a Europa ou as duas razões*, p. 30

²³ “Carlos pasmava. (...) E o que, sobretudo, o espantava, eram as botas desses cavalheiros, botas despropositadamente compridas, rompendo para fora da calça colante, com pontas aguçadas e reviradas, como proas de barcos varinos...”

Ega esfregava as mãos. Sim, mas precioso! Porque essa simples forma das botas, explicava todo o Portugal contemporâneo. Via-se ali como a coisa era. Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitio seu, um feitio próprio, manda vir modelos do estrangeiro – modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo que o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado – exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura.” (*Os Maias*, pp. 669-670).

descobridor. Europa e Descobrimientos são mesmo compatibilizados no discurso de políticos e eurodeputados²⁴. A sobreposição destes dois discursos oficiais resulta patético:

“Aqueles que mais se destroçam para serem Europeus, empenhando a prata da família para alcançar o talher de plástico do aeroporto de Bruxelas, são os mesmos que se sentem privilegiados e importantes só por serem portugueses. Toda a classe política (...) sofre desta provinciana patetice. Portugal é a ‘nossa terra’ a nossa querida terrinha, o torrão, no nosso niquinho niquento de nação. E tanto faz ser Portugal inteiro como Montemor ou Arcos de Valdevez.”²⁵

De maneira a inverter este estado de coisas, Miguel Esteves Cardoso apela àquilo que designa como ao verdadeiro patriotismo – um patriotismo que é mais cosmopolita e mais europeu do que se podia supor (o destaque é meu):

“São já (foram sempre) poucos **os verdadeiros patriotas** – aqueles que **amam Portugal inteiro, passado e presente, Celorico e Lisboa, emigrante e cosmopolita, ao mesmo tempo que reconhecem, chateados, que Portugal está uma miséria há muito, muito tempo** (...). Ser nacionalista não é, ao contrário do que diz a Esquerda estúpida, dizer que Portugal é que é bom. **É dizer que, por muito mau que visivelmente seja, Portugal é que é nosso. Portugal é o que nos calhou.** (...)

Um verdadeiro patriota ocupa-se da Pátria inteira. Não ‘escolhe’ os melhores bocadinhos (...) como fazem os nossos dirigentes intelectuais e políticos. Isso é fácil e é mesquinho. É artesanato de boca. É o que fazem os turistas.”²⁶

Assim, aquilo que Miguel Esteves Cardoso propõe é que se proceda a uma correcção da auto-imagem dos portugueses enquanto comunidade²⁷. Só pela auto-estima e pela aceitação dos defeitos e virtudes – que revestem qualquer comunidade – se

²⁴ Lê-se em “A aventura dos Descobrimientos”: “Há pouco tempo [Carlos Pimenta] disse que a adesão portuguesa à CEE era uma aventura igualável à Epopeia marítima.” (*As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 221).

²⁵ “A aventura da Europa”, p. 130

²⁶ Idem, pp. 130-131

²⁷ Diz Eduardo Lourenço: “Enquanto indivíduos, os Portugueses vivem-se, normalmente como pessoas sem problemas, pragmáticas, adaptáveis às circunstâncias, confiantes na sua boa estrela, herdeiros de um passado e de uma vida sempre duramente vividos mas sem fracturas ou conflitos particularmente dolorosos ou trágicos. É enquanto povo ou nação que esta imagem, eminentemente positiva e banal de si mesmos, é objecto de singular distorção (...)”. (*Nós e a Europa*, p. 19)

poderá corrigir a imagem deformada que os portugueses têm de si mesmo. Isso implica a aceitação do passado, mas não a sua divinização²⁸.

A defesa da tese de que “Portugal é que nosso” ou “My country right or wrong” na crónica “A aventura da Europa” motivou uma crónica-resposta de Vasco Pulido Valente, colunista-convidado de *O Independente*, no número seguinte do jornal. Em “Desamar a nossa pátria” (*O Independente*, nº 43, 10 de Março de 1989), Pulido Valente rejeita a tese de Esteves Cardoso e acusa-o quer de desconhecer “as mais amáveis tretas e vergonhas dos últimos tempos”, quer de viver afastadamente o seu amor pela pátria: “Amar de longe as tretas e vergonhas da pátria não custa nada. Viver delas e com elas dói e diminui”.

A resposta de Miguel Esteves Cardoso chega no mesmo número de *O Independente*, na crónica “A aventura da Resposta à Coluna de Vasco Pulido Valente na Página 5”. Considerando que Vasco Pulido Valente é “o típico intelectual português” e que isso justifica a sua amargura, Esteves Cardoso esclarece que não há outra solução senão gostar de Portugal. A relação que se deve manter com a pátria não é uma relação intelectualizada, como aquela que Vasco Pulido Valente e outros propõem; é uma ligação da ordem do familiar e do emocional, porque: “Há qualquer coisa de português em todas as coisas e pessoas portuguesas, sejam boas ou más, estejam erradas ou certas”.

Só aceitando e amando Portugal, para lá dos seus defeitos, se será um bom português e, por extensão, um bom europeu – alguém que entenda que a Europa é muito mais do que uma entidade “abstracta, supra-nacional, anti-histórica”²⁹, fundada em relações de tipo económico ou propiciadora do tão desejado progresso. A Europa assim concebida é um território e um repositório de artefactos culturais, que estão ao alcance de qualquer um. Por isso, Miguel Esteves Cardoso afirma, peremptório:

“A Europa não é desafio nem problema. Desafio e problema somos nós. A Europa que interessa (...) já nós temos. Está em livros que podemos ler, discos que podemos ouvir, museus e lugares que podemos visitar. Os Portugueses, de resto, sabem muito mais acerca da Europa do que a Europa sabe acerca dos portugueses. *Já somos*, se calhar, o povo mais europeu da Europa. Somos, com os Holandeses,

²⁸ Em 1988, o cancelamento do programa *Humor de Perdição*, por causa de uma entrevista ficcionada à Rainha Santa Isabel deixava claro o entendimento existente em relação ao passado histórico português, uma vez que se considerou que o *sketch* atentava contra os valores nacionais. De salientar ainda que as “Entrevistas Históricas” eram escritas por Miguel Esteves Cardoso e que só dez anos depois, em 1998, é que a RTP exibiu toda a série do programa de Herman José.

²⁹ *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*, p. 132

os mais abertos, interessados, curiosos. Não façamos partes gagas, fingindo que não sabemos e que não somos nada.”³⁰

O conservadorismo de Miguel Esteves Cardoso move-o no sentido da preservação do existente, porém, o sentido de preservação não deve confundir-se com imutabilidade ou com a mitificação do passado. Nas crónicas aqui apresentadas, vemos a atacar tanto essa idealização do passado, como o deslumbramento com o futuro, em especial com a Europa, Quinto Império talhado à medida do fim do século XX português.

As crónicas de Miguel Esteves Cardoso são um diagnóstico e uma proposta de remédio para os males de que padece a nossa identidade colectiva. Afinal o que é a identidade? A um nível individual, a identidade é o modo como me apresento aos outros e como os outros me reconhecem. A minha identidade é o meu nome, e tudo aquilo que me individualiza perante os outros: a cor dos olhos, o comprimento do cabelo, o estado civil, a roupa que visto, os filmes que vejo ou os livros que leio. A minha identidade é dinâmica; é afectada por eventos e experiências, embora conserve um fundo permanente.

Não creio que haja razões para pensar que a identidade de uma comunidade tenha um comportamento muito diferente. A principal diferença residirá no facto de que os membros da comunidade têm de se conceber – ou de se imaginar – como membros efectivos dessa comunidade. Consideramo-nos portugueses, porque, colectivamente, partilhamos uma ideia do que é ser português e isso torna-nos efectivamente português, ou seja, membros desta nação que é Portugal³¹.

Autores como Benedict Anderson ou Marshall MacLuhan sublinham a importância da imprensa e dos jornais, enquanto veículos privilegiados da construção da ideia de nação. É certo que os dois académicos se reportam sobretudo aos séculos XVIII e XIX, quando por virtude da Revolução Francesa e do ideário romântico se assiste a uma reconfiguração dos espaços geográfico, político e simbólico. Os jornais proporcionaram uma base comum de entendimento, ao fixarem uma língua vernacular comum e ao divulgarem um repertório de imagens e formas, que são inscritas e absorvidas pela identidade colectiva.

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ Cf. *Imagined Communities*, pp. 6-7

Apesar de actualmente a imprensa escrita ter perdido muito do seu impacto para a televisão e para a internet, ela continua a ter impacto. Mais teria em 1988, quando *O Independente* saiu pela primeira vez, apresentando-se, como um produto diferenciado e com uma identidade bem clara – democrata, conservador e liberal – e com uma missão – estabelecer um diálogo com a nação.

As minhas aventuras na república portuguesa estabelecem esse diálogo com a nação. Num tom bem-humorado e divertido (e, por isso, mais persuasivo, porque actua pela adesão emotiva e não pela adesão intelectual), Miguel Esteves Cardoso reflecte e propõe-nos que reflectamos sobre esta nação que é Portugal. Para Miguel Esteves Cardoso, a identidade portuguesa não é uma identidade em crise, mas uma identidade mal resolvida, uma identidade que não se quer aceitar a si mesma. Esse trabalho de aceitação terá de resultar de um ajustamento em relação à auto-imagem que temos. Afinal, chegados ao final do século XX, não somos nem Império, nem Quinto Império. O Portugal que Miguel Esteves Cardoso e nos propõe não é o que foi, nem é o que hipoteticamente será. É o que é.

Bibliografia

Anderson, Benedict. *Imagined Communities Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. rev. and extended ed. London: Verso, 2006. Impresso

Bobbio, Norberto et al. *Dicionário De Política*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. Impresso

Cardoso, Miguel Esteves, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*. Peninsulares/Especial. 5ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994. Impresso

Costa, Catarina. *O CDS-PP no contexto da Nova Direita Europeia – uma nova via para o poder*. Dissertação de Mestrado em História das Relações Internacionais. Lisboa: ISCTE/ IUL, 2007. Impresso

Expresso/ Estatuto Editorial. s.d.Internet

Ferreira, Gil Baptista. “A definição da identidade europeia. Comunicação, memória e cidadania”. *Comunicação e Identidades Sociais*. Esteves, João Pissarra (org.). Lisboa: Livros Horizonte, 2007. Impresso

Gellner, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. Trajectos. Lisboa: Gradiva, 1993. Impresso

Hobsbawm, Eric. *A Questão Do Nacionalismo Nações e Nacionalismo desde 1780 Programa, Mito, Realidade*. Da História. Lisboa: Terramar, 1998. Impresso

---. *Tradições Inventadas*. Desporto e Sociedade Antologia de Textos. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos, 1988. Impresso

Livro de Estilo/ Público, Lisboa: Público, 1997. Internet

Lourenço, Eduardo. *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Temas Portugueses. 4ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993. Impresso

McLuhan, Marshall. *Understanding Media. The Extension of Man*. London and New York: Routledge Classics, 2009. Impresso

O Independente / propr. SOCI Sociedade de Comunicação Independente; dir. Miguel Esteves Cardoso. Lisboa : Soci : Vasp [distrib.], 1988. Impresso

O Portugal de Miguel Esteves Cardoso. 2006. Video. Internet

Pascoaes, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. Pinharanda Gomes (compilação,

introdução, fixação e notas de). Lisboa: Assírio & Alvim, 1988. Impresso

Quental, Antero de. *Política*. Obras Completas de Antero de Quental. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1994. Impresso

Queirós, Eça de. *Os Maias – Episódios da Vida Romântica*. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses. Lisboa: Ulisseia, 1986. Impresso

Robinson, Richard A. H, “Do CDS ao CDS-PP: o partido do Centro Democrático Social e o seu papel na política portuguesa”. *Análise Social*, vol. XXI (138): 1996 (4º), pp. 951-973. Impresso

Vieira, Joaquim et al. *Portugal Século XX. Crónica em Imagens*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. Impresso